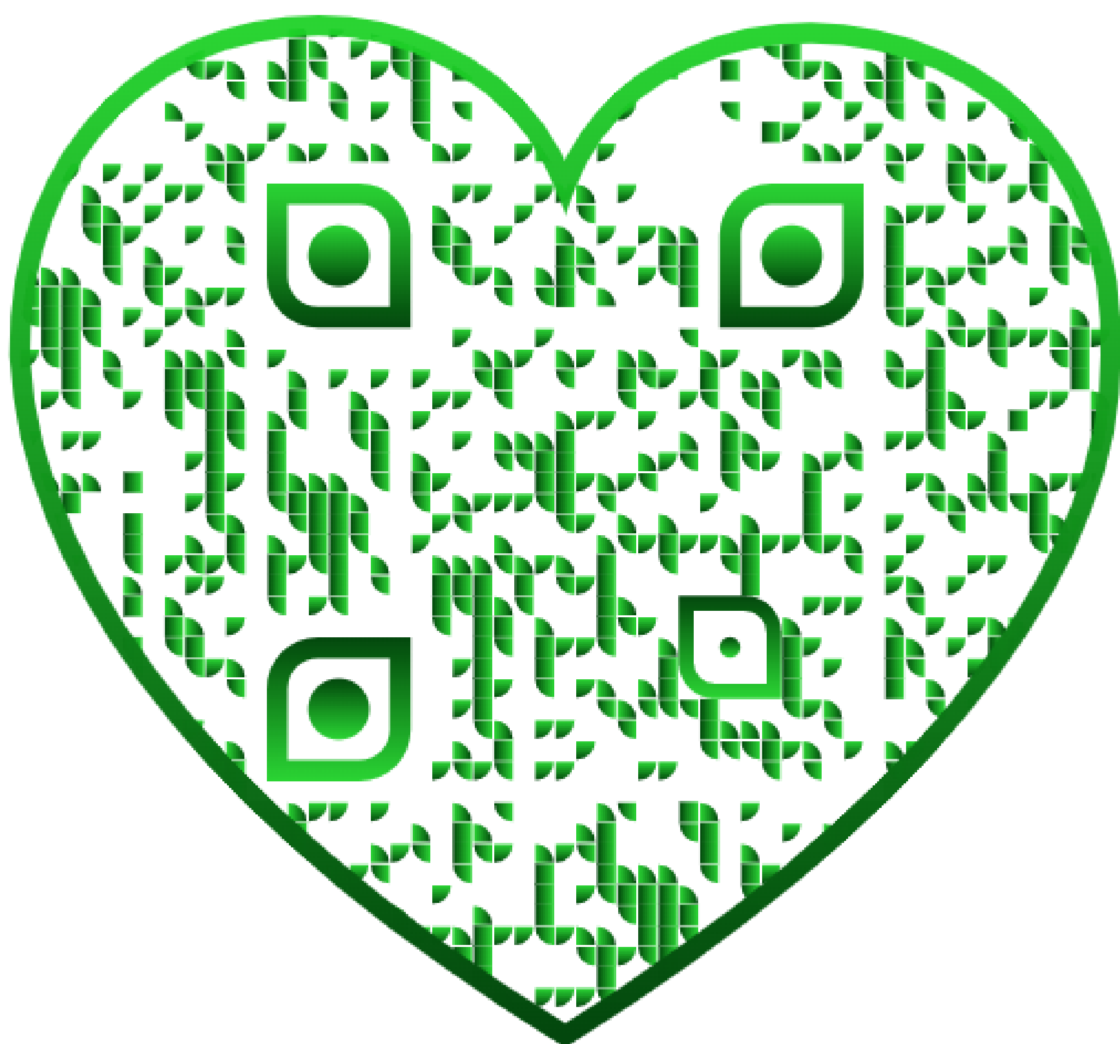
Geovani Silva

Sequestrados

Ate onde você iria pela vida do seu filho?



Seqüestrados

Até onde você iria pela vida de seu filho?

Geovani Silva

Direitos autorais do texto original © 2015 Geovani Silva

Dedicado à Grazzy.

Papai, papai... vem brincar comigo!

O que seria essa voz que não sai da cabeça? Uma criança? De quem é esta criança?
A cabeça não se fixa em nada. Parece tão distante...

Querido, ele sente tanto a sua falta quando está no trabalho...

Eu sei amor, deixa só eu terminar com isso aqui...

O tempo. Vilão das nossas almas que sempre nos surpreende, não compreende a falta. Maltrata e nos toma de assalto todos os dias.
Desconfiança gera traição? Que mau ha uma criança brincando no quintal de sua casa onde a segurança é negligenciada?
Mas o trabalho em excesso fora o vilão de sua alma. o que não faríamos para voltar atrás e recomeçar?será possível um recomeço? Um recomeço sem dor?

Ele vai entender que não precisa contar com um pai a vida toda.
afinal ele está crescendo e ja sabe se cuidar...

A noite estava se perdendo aos poucos. A aurora entrava sem pedir licença. E na noite, peça por peça desmoronava-se roubando tudo que fora verdade dos dias anteriores. E tudo se esvaía também de modo lento, mas continuamente. Como a inocência de uma criança que cresce e vive intensamente a cada dia no meio da sujeira deste mundo mau, nada que se fizesse poderia interromper o ciclo natural da existência da vida. Esta não dependia da vontade de nenhum ser consciente no mundo que respira a vida.

Quanto à única certeza que se tinha era o recuo das sombras para dar lugar a alguma definição pormenorizada daquilo que se mantinha submerso pelo imenso mar noturno. Pois o que se mantivera submerso, na luz matinal se revelaria maculado nos pensamentos. Como se podem desvendar os pensamentos na escuridão de um homem?

Um homem mergulhado na penumbra era parte inassimilável daquele ambiente lúgubre exalando uma baforada cansada e entrecortada pelo chão. Não se podia percebê-lo ainda porque a escuridão o tomava de volta para si.

John era parte até então desta trincheira profunda onde a luz incerta de seu alcance o tornara abstrato. E certamente ali estaria uma tela de Salvador Dalí onde o tudo é também nada, e quando o nada é a esperança de um tudo, apenas a persistência da memória sobressai.

Sentindo uma pressão incalculável sobre o seu emocional, ele não se permitira assentar exatamente o ponto em que se fixaram seus pulsos atrás. Ainda entre o real e o abstrato, não se dava conta de sua situação. Voltando-lhe a consciência pouco a pouco não se pusera em alto risco de uma respiração completa. Se é que se poderia dizer assim ou talvez não se desse ao luxo disso. Pois tudo ainda eram conjecturas.

O fato é que a noite estava extremamente fria e um grilo cantando de maneira quase imperceptível o fazia atento aos primeiros sinais que a reluzente euforia da madrugada tornava visível. Haviam marcas de variadas tonalidades cinza que se imprimiam através das formas do que possivelmente seria real para ele. Era um emaranhado jogo de luz e sombra que formavam suas malhas pelo chão à medida que avançavam, muito devido ao movimento de nuvens em frente à lua.

Quando seu primeiro despertar foi sentir o agradável aroma de terra molhada, um silêncio incomum penetrava devagar as suas entranhas doloridas. E ele acordara de um sonho. Mas o alívio não viera como se tem quando se acorda de um pesadelo. Pois tudo era estranho com cheiro desagradável de mofo e nada ali era seu.

Desdobrava em questionamentos à escuridão. Já então que todo questionar é uma procura, ele procurava o que seus olhos podiam assimilar. E assimilando se questionava e encontrava. Se o questionar era o que era e como era, tais quais as respostas deveriam ser. Mas, eram? Por que então as dores se enraizavam e as raízes se tornavam profundas e delas nasciam outras e mais outras? Ele não tinha a liberdade da investigação, pois a escuridão cegava-o sem nenhum pudor. O escuro delimitava o alcance de seus pensamentos. Na verdade, a escuridão lhe falava. Mas o seu pensar se limitava a margem da circunferência que o escuro lhe impunha na pouca luz que atravessava as suas duvidas. A escuridão não mostrava vestígios de vida. A não ser a dele mesmo que passou a respirar ofegante a névoa friamente escura em sinal de desespero. Mas as luzes que entremeavam as frestas, corajosamente atravessava os conceitos abissais daquele negrume. Era a verdade que ele procurava. Mas incrédulo, ele ainda se encantava com a luz que ofuscava seus olhos acostumados com a derradeira escuridão. A luz não lhe falava de modo claro e por completo. Ela, a luz parecia a ele mais uma escuridão insegura de seu próprio movimento. Na sua pequenez momentânea, na incapacidade de se achar capaz, ainda assim a luz era a verdade. E ela penetrava obstinada pondo em cheque a penumbra que residia interiormente nos veios do lugar e o pensamento do homem.

A que ele mesmo *queria* crer era de certa forma superior. Mas na posição em que se encontrava, qualquer que fosse a coisa intangível colocava-lhe um bloqueio mental. Incapacitava-o de pensar algo além do nivelamento em que se davam os seus próprios sentidos.

Mas além de sua inércia, lhe parecia que o medo se sobressaia. Porque as respostas que ele procurava consciente, não surgiram em forma de respostas e sim mais perguntas. É que o procurado era um mutante. Ao procurar o objeto da procura, a própria mente do homem se torna resistente e o objetivo do objeto muda constantemente. Porque ele não estava preparado. E alguém estaria preparado?

John tampouco abandonara suas recentes descobertas porque logo passaram a ser convicções impenetráveis. Mexeu-se descobrindo seu corpo esfarrapado numa posição incomoda. Um novo som era cúmplice de sua maldição. O som tornava evidente sua surpresa, sua nova agonia. E Sentou-se completamente inativo, inerte. O som perturbador era tal qual sacudir um monte de moedas em suas próprias mãos. Talvez um milhão de dólares. Foi o que pensou num estalo só quando se lembrou que tivera uma vida. Que Deus tivesse pena daquele pobre diabo. Correntes pesadas e enferrujadas. Estas tornaram obrigatória a sua estadia desagradável. Nada podia ser tocado, nada podia ser levado, nada poderia ser tão estranho ao ponto de não se fugir pela tangente. E

um desespero de tamanho gigantesco foi tomando-o. Envolvia-o com o manto gelado da noite. E ele se sentiu sozinho e perdido. Abria os olhos ao máximo para se localizar, mas a escuridão entrava neles.

Uma gota d'água caía solitária dentro de um balde no meio da noite sinistra. Balde de alumínio, talvez pelo barulho que faz quando a gota toca também a beirada. Talvez uma torneira mal fechada, não se podia ter certeza de nada.

A noite se revelava promiscua com o entorno dos objetos metálicos mal definidos. Traição. A própria noite? Tudo era traição. Alguém o traiu. Não se lembrava. As sombras iam se transformando pelas laterais confusas e difusas onde nada era o que se presumia. Às vezes com a passagem fugaz das nuvens densas em frente à lua brilhante, claros e escuros começava a se formar pelas superfícies verticais projetando monstros grotescos e perigosos.

Um medo ia tomando conta de maneira absurda. E John teria sua razão a tal medo já que não era de todo inocente. Embora o senso de justiça lutasse a facas com a tal inocência, sua consciência retornava para casa reorganizando a própria entrada tentando com dificuldades encaixar aqueles elos desarvorados.

Na tensão nervosa passos longínquos contavam uma saída ou a morte certa. Agora enquanto pulsava o sangue pelas veias altas das têmporas e se tinha algo a fazer, não poderia errar. Um planejamento ousado, talvez fosse à falta de sorte dos desprevenidos. Mas ele estava exausto. E se apagava.

Mais tarde um rastelo se formava entre o claro e o escuro com as manchas disformes e feixes de luzes acompanhando os nós brutos de cabo apanhado no mato. A lua alta, solitária ainda curiosa ia enfiando sua claridade pelas frestas das tábuas tortas. O contraste com o negrume era evidente mesmo para quem tinha os olhos inchados e ardentes. Mas o rastelo poderia ser útil. De súbito, latidos de cães por uma longa extensão. Isso tornava tudo um pouco mais complicado.

A premeditação a fuga ficava embotada. Parece que tracejar as etapas para uma suposta liberdade estava dificultada pelos obstáculos que se iam revelando na luz, ou não. John ficou confuso. Certo de que o fim da madrugada não traria esperança se agitou para descobrir mais uma penosa vez que esforços no escuro dos pensamentos eram em vão. Simplesmente.

O odor que vez por outra lhe abria as narinas com asco e repulsa parecia carne putrefata. Em um estágio de decomposição avançada. Sentia também cheiro de sangue novo. Seu próprio sangue. Talvez sentisse que sua própria vida estava a um fio miserável.

A utilidade do rastelo se perdera entre um claro e um escuro que se projetara de um novo ângulo. Agora para dar vazão a fuga desesperada

iluminava algo bem mais promissor. Seria mesmo possível que estivera tendo aquela sorte?

Mas John não era assassino. Nunca na vida fora. O que aconteceu na sua primeira tentativa de fuga deixava-se pensar em um acidente fatal. Ele não o matou. Ou matou? Será que Deus o perdoaria por ter tirado a vida de alguém? Mas não era uma pessoa. Era um monstro e mereceu a morte. Deus deseja a morte para alguma coisa que respira? *Não me lembro bem...* Devia John culpar a memória fraca agora? *Que Deus me ajude!* Não adiantava bradar a si mesmo, estava cheio de culpas ou de dúvidas?

Uma finíssima passagem entre a única porta de madeira e o chão era suficiente para deixar passar o vermelho reluzente, denso e viscoso que parecia brotar do outro lado.

Pesava muito sobre seus ombros dois corpos sem vida. Sua Ana em um lugar indecente. Ana! Sua linda Ana naquele estado! Não é possível que tal desgraça, que tamanha tragédia acontecesse! Pensou por um segundo culpar a Deus, mas se lembrou que um amigo lhe dissera que Deus não é culpado pelas coisas que acontecem aos humanos. Que o mal existe, e tem de ser cortado pela raiz. Um Deus de amor não faria tal coisa.

De quem então era a culpa? Daquele maldito! Ele teve o que procurou quando achava que John estivesse morto. O pé de cabra ainda esbaldava afogando no sangue do assassino de sua Ana. Mas Ana não merecia isto...

Idiotas, assassinos sem coração! Não procuraram direito pelos cantos, se procuraram não a encontrou. Mas a escuridão se dissipava e o mostrava onde estava caído. Caira no momento em que John às cegas o golpeara com a primeira coisa à mão. E era um pé de cabra. Salvou sua vida. Depois não viu mais nada, acordou com muita dor de cabeça.

Não há mais nada que se possa fazer por Ana, vítima inocente destes canalhas! *Mas pelo meu filho! Sim meu filho! Papai já vai...*

A madrugada silenciosa se rebelava teimosa estendendo a sua presença enquanto ele tentava em vão desespero pronunciar sons indefinidos.

Tropel pelo lado de fora. Alguns sacos estão sendo arrastados em torno do lugar. Alguém fazia um buraco. O barulho era de alguma ferramenta cortando o solo.

Na sua boca algo apertava impedindo-o de gritar. O chão estava gelado. Mal podia achar outra posição que não seria tão desconfortável.

Lá estava a coisa. Parada e solitária. Esperando talvez. Um rato manso metia o focinho à procura de migalhas, em busca em meio à sujeira que John podia sentir. Era mais rápido que as malhas de luzes pelo chão. Mas logo aparecia e sumia. Estava agora com as patinhas em cima da arma esquecida,

largada quase embaixo de algumas caixas. Lá estava ela cuja voracidade peculiar por sangue já havia derramado duas vezes. O rato lambia o prato com restos daquilo que fora horas sua comida. O rato está livre. Ele odiou o rato e quis matá-lo e depois comê-lo vivo. Rasgar as suas carnes e mastigá-las. Começar pelas pernas e arrancá-las.

Horas tentando. Por horas tentando. A cabeça dói e os braços não agüentavam mais o esforço. Exaustão de todo corpo, da mente, do emocional e em vão. Tudo em vão. Fechou os olhos e os pensamentos foram conduzidos pela moleza do corpo cansado. Preferiu se entregar a morte.

Mas uma criança chamava no profundo de suas lembranças.

Papai, papai!

John! Acorde amor! Onde está nosso bebê?

Abriu os olhos ferozmente. Suado, afobado e respirando difícil balançou o braço olhando para aquilo que o aprisionava em seus pulsos.

A noite não podia deixá-lo. Mas o estava deixando devagar.

Enquanto a luz caminhava sobre as pequenas entulheiras naquele local que parecia abandonado, ainda na penumbra fez força para contorcer o corpo até alcançar o rastelo. Nova utilidade surgia para aquela ferramenta deixada ali há tempos abandonada em meio às teias de aranha. Estava praticamente no limite do seu pé direito. Mas virando-se de lado entortando-se todo conseguiu tocar a ponta do pé no primeiro dente do rastelo. E ele tombou com o cabo truculento para seu lado e John apertou os joelhos no cabo para aproximá-lo mais de si. Torcendo que estivesse só até que terminasse o seu plano.

Na falta de jeito deixou cair o cabo do rastelo que bateu em cima do prato esmaltado com resto de comida. Fez um barulho. Ouvem-se vozes e passos se aproximando. A porta se abriu. A dobradiça enferrujada aos berros anunciava a chegada do visitante. Na greta aparece uma figura no escuro mal definida. Parecia uma pessoa negra.

— Desmaiado ainda. O rato derrubou o rastelo. Só isso! — disse o individuo.

Fecha a porta atrás de si. O mesmo som da fechadura. Mas desta vez soava do agudo para o tom baixo. Era o alívio que tal som trazia. Prenunciava uma nova chance para John que suspirou aliviado. Trás o rastelo até sua mão com movimentos limitados. Segurando com extremo cuidado desta vez. Não quer chamar a atenção agora. Seria o fim. O garotinho dependia do seu sucesso. Papai não vai falhar.

John agora queria lutar. Lutar mais que tudo na vida. Havia por um breve momento entristecido porque deixara ceder pelas fraquezas.

Sorriu. Sorriu com enorme satisfação. E havia uma maldade naquele rosto indignado, cansado, enraivecido. Quando ele a trouxe até a sua mão com o auxílio do rastelo acreditou e teve esperanças. Havia ainda duas, uma para cada um deles. Não poderia errar. Não queria fazê-lo, mas se não o fizesse seria o fim.

— Estou pronto! Quando quiserem agora.

Ele dissera isto com vigor e destemor porque não havia outro jeito. Não tinha outra coisa a ser feita, senão lutar. Era matar ou morrer. E ele não iria morrer.

John em silêncio empurrou o rastelo. Com a ponta do pé o levou até as proximidades da porta. Se calculasse bem, o primeiro que aparecesse tomaria uma cacetada bem em cima dos dentes. Depois prendeu o prato de alumínio entre os dois pés e jogou-o para o alto provocando um grande estrondo premeditado.

A porta foi aberta com violência. Pisou no rastelo e o cabo acertou em cheio a cara do sujeito desgovernando-o.

John apontou e não errou. O bandido caiu esfolando a cara maltrapilha pelo chão. Mas John se preparara. Sabia que eram dois. Um se foi. E agora sem saber o que estava acontecendo o último atravessa a porta.

— Pezão, idiota! O que você fez?! Por que atirou nele?!

John já a sua espera com a arma em punho se deparava com o que não esperava.

— Você?! Não acredito verme, maldito! Farsante, traidor! Veja o que fez com a Ana! Cadê meu filho?! Cadê meu filho?! Canalha!

— John, acalme-se! Não fui eu, foram eles! Eles fizeram tudo! Não era para ser assim. Não era para terminar desse jeito! Você tem que acreditar em mim!

— Onde estão as chaves? Onde?!

— Não estão comigo. Está com ele, no bolso dele. Não está vendo? Não tenho culpa de nada!

— Desgraçado! Devagar tire as chaves deste maldito aí no chão e me passe. Agora! Chute a arma dele pra cá. Devagar se não eu te mato. Eu juro que te mato!

Tirou as chaves e jogou para ele. Que se afastou e ficou longe a mando de John!

— Sua vida acabou! Canalha! Vai mofar na prisão.

— Não. Não! Por favor, não! Você não faria isso comigo! Sou seu sangue. A minha mãe, a tia Lucy! A minha filha!

— Pare! Não faça isso! Jogue para cá essa arma!

Ele tinha outra arma escondida.

— Só fique sabendo que eu não matei ninguém. Fala para minha filha que

eu a amo...

— Não, não, não! Onde está o Pedro? Fala!

Não há mais nada ali. Ele sabia que não dera certo e que sua vida já tinha acabado antes mesmo de apertar o gatilho e ter se matado.

John entrou na sala se arrastando e com medo. Muito medo. Temia só de pensar que tudo estivesse perdido, e não conseguisse salva-lo.

No corredor logo a sua direita uma mulher caída ensangüentada. Deitada de bruços. Não havia surpresas. Apesar de que não quisera nunca acreditar que fosse a sua mulher já exalando cheiro forte. Malditos nem para lhe dar um enterro decente.

John a virou e olhou. Tocou o seu rosto frio. Acariciou e ajeitou seus cabelos lisos e louros atrás das orelhas. Beijou e derramou todas as suas lágrimas sobre o corpo. Levantou-se rápido com dor nos joelhos. Eufórico em grande alvoroço chutou a porta velha dos fundos. Nada. Correu até os outros quartos. Vazios. Jogou as costas na parede em desespero escorregando até o chão chorou. A mão inerte soltava a arma calibre 38. Os olhos reviravam mostrando o branco. A vista tremula começando a escurecer. Quando vinha lá do fundo um choro agudo do menino. John se arrastou pondo a cabeça no chão e fez silêncio controlando a própria respiração. Encostou o ouvido. Vinha de baixo. Procurou desesperadamente uma pista qualquer. No canto um alçapão. Correu ate ele e com toda força que lhe restava jonh tentou arrancar o cadeado. Ficou desesperado e deu golpes ferindo-lhe as mãos até sangrarem. Mas o cadeado não abria. Notava-se em sua face a agonia de estar tão perto do filho, mas tão longe. John se abaixou e postou o ouvido no alçapão na tentativa de se comunicar com o menino e sentir a sua respiração. E ele escutou. Tão fraca que o homem pensou que ele estava morrendo lentamente. Gritava para Pedro tentando reanimá-lo, mas não reagia. O homem saiu correndo por todo o lugar. Ele tinha que encontrar as chaves e libertar seu filho, a qualquer custo. Foi até os cadáveres e procurou as chaves em pleno desespero, mas não estava com nenhum deles. Entrou no lugar onde fora seu cativeiro por longos meses. E se lembrou. *O pé de cabra! O maldito pé de cabra! Ainda sujo de sangue.* Jonh o pegou e saiu em disparada e arrebentou o cadeado. Fraco e enferrujado. Ainda bem.

Lá embaixo. Lá estava ele. Pedro. Encolhidinho, sujo de barro e tremendo. Estava fraco e faminto.

— Pedro, meu filho! Meu filho! Papai está aqui! Papai está aqui! Já vou!

Ao sair já com o garotinho nos braços tapava seus olhos ao saltar os corpos pelo chão. Entrou em uma salinha ao procurar a saída. A sala de planejamento. Todas as paredes estavam forradas de papéis e recortes de jornais. O projeto de sua casa desenhado e todo o trajeto. Informações sobre a família bem detalhadas.

Na mesa um jornal datado do mês passado noticiava o desaparecimento de empresário e família.

John abraçou seu filho e o apertou com muito amor. Deixou cair lagrimas copiosas.

— Papai, to com sede.

Abriu a porta e vê o sol da manhã. Depois de tanto tempo a luz do sol era um privilegio raro. Colocou as mãos ao alto e agradeceu a Deus. Dá um pouco de água ao menino de uma torneira ao lado. Lembra-se. Era mesmo uma torneira pingando dentro de um balde de alumínio. Bem debaixo da janelinha alta de madeira duas covas compridas recém cavadas ao lado. Eram para os corpos que já estavam expostos. Cães latem a certa distancia sem se aproximarem. O garotinho se mexe. Abre mais uma vez os olhos.

— Papai. Ele é muito mau.

— Sim, meu filho. Mas agora acabou. Está tudo bem. Está tudo bem.

— Onde ta a mamãe? Ela ta esperando a gente?

— A mamãe... Ela disse que te ama muito, meu filho.

— Eu também. Sabe o que eu quero comer quando chegar em casa?

— Não. O que?

— Um cachorro quente. Bem grandão!

— Papai... Vamos pra casa agora?

— Sim, meu filho. Vamos para casa.

— Papai.

— Sim meu filho.

— Eu ainda tenho oito anos?

— Claro que sim. Por quê?

— É que passou tanto tempo...

— Mas não passou um ano, ta bom?

— Papai você sabe rezar? A mamãe me ensinou. Aí eu fazia todos os dias. Eu pedia muitas coisas. Pra você, pra mamãe e pra mim.

O pai quase chorava ao perguntar:

— Você pediu pra mamãe também?

— Sim. Depois eu pedi para Deus me perdoar também. Sabe por que papai?

— Não, por quê?

— Ele me deu uma barata para comer. Aí eu gritei que não ia comer. E ele me disse que ia matar a mamãe e o senhor. Eu fiquei com muito medo e vomitei. Então o homem amassou ela no prato e me fez comer a força.

John largou o garoto e correu a uma distancia de metros e se abaixou em cima de uma pedra e batia varias vezes a cabeça contra ela. Gritando e em grande agonia deitava no chão. Chorava desconsolado como se não houvesse

mais onde pisar. Achava que suas dores haviam se amenizado. Não compreendia como coisas tão chocantes acontecem com crianças inocentes. Como se controlar diante a uma criança que sofreu toda essa humilhação? Ela não precisa sofrer mais.

— Papai não fique assim. Eu não morri. Eu agüentei como o senhor me ensinou, lembra? Eu sou forte. Levanta papai!

O garotinho pega-o pela mão e o abraça. Coloca o braço do pai sobre seu ombro como se realmente o pudesse carregar. John levanta a cabeça com os olhos vazios ao limiar do horizonte sem esperança. Sorri a liberdade daqueles miseráveis que ganharam a guerra, mas foram ceifados pela própria liberdade que a vitória dá.

Caminham por uma longa extensão. Respirou fundo e parou por um instante e ergueu os ombros e levantou a cabeça. Por um momento olhou para o céu azul com nuvens esparsas, lindas magníficas. Depois olhou para o filho que ainda segurava sua mão caminhando com dificuldade, John sorriu pela primeira vez depois de tantos meses. Ele deu um largo sorriso e apertou a mão do filho frágil inocente acabado também olhou para ele. John virou-se e olhou para a casa a qual fora seu martirio por tanto tempo e agora, apesar de tudo, o menino estava vivo, o seu filho sorriu junto com ele. Sim, um recomeço.

Muitos não o tem...